



O INDIVÍDUO DIANTE DA TRANSVERSALIDADE ATEMPORAL DO SITIAMENTO: REFLEXÕES À LUZ DA DISTOPIA *1984* DE GEORGE ORWELL

Joice Eloi Guimarães – PPGE/UFSC

Eliane Fioravante Garcez – PPGE/UFSC

Karina Bernardes de Oliveira e Silva – PPGE/UDESC

Marisa Hartwig – PGSS/UFSC

Resumo: O texto registra algumas reflexões fruto da leitura e estudo da obra *1984*, ficção distópica de George Orwell. Explicita a característica atemporal do livro e sua relação com a biografia do autor, o contexto em que foi escrito e suas prospecções – que em parte se realizaram – sobre o futuro da humanidade. Retrata os aspectos político, econômico, tecnológico, científico e educacional, num mundo futuro onde o indivíduo é levado a ceder, abrindo mão de sua liberdade em troca de “proteção penitenciária”. Apresenta conceitos de utopia, distopia e cenários. Retrata, ainda, a sustentação de uma sociedade centrada no poder de poucos à custa da pobreza e da exploração de muitos, baseada na divisão de classes, na opressão do povo por meio do trabalho, da educação, da guerra contínua. Mostra a contribuição desse autor para que pensemos no futuro a partir do presente, onde o ser humano não seja aprisionado, quer fisicamente, quer mentalmente. Por certo a educação continuará tendo papel fundamental para que o indivíduo, na sua plenitude, possa construir uma sociedade que seja boa para todos.

Palavras-Chave: 1984 – Distopia. Educação – Trabalho – Totalitarismo – Cenários.

1 Introdução

O mergulho em leituras durante o segundo semestre de 2011, como resposta a demandas da disciplina “Educação, Trabalho e as Tecnologias de Informação e Comunicação” do PPGE/UFSC, fez com que este grupo, percorrendo uma linha de tempo, conhecesse uma obra de Thomás Morus, de Francis Bacon, de Jeremy Bentham, de Aldous Huxley e de George Orwell.

Considerando os diferentes contextos em que estes autores viveram e produziram suas obras, pode-se afirmar que o registro de cenários societários ficcionais – utópicos ou distópicos, os transformaram em visionários, em clássicos da literatura universal, cuja leitura vem sendo (re)descoberta, tornado-se obrigatória. Dentre as definições apontadas por Calvino (1994, p. 15), um clássico é “aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”.

Um cenário, ou prospecção, não é a realidade objetivada, mas subjetivada. Para Schoemaker (1993 apud Thiesen, 2011, p. 31) ele “não é a realidade futura, mas um meio de representá-la, com o objetivo de nortear a ação presente à luz dos futuros possíveis e desejáveis”. Berger (2004, n.p.) lembra que futuro:

Não é somente o que pode acontecer, ou aquilo que tem as maiores chances de suceder. Ele é, também, em uma proporção que não para de crescer, aquilo que nós gostaríamos que ele fosse. Prever uma catástrofe é condicional, pois significa prever algo que aconteceria se nada fosse feito para alterar o curso das coisas, e não aquilo que acontecerá de qualquer maneira. Olhar um átomo o modifica, olhar um homem o transforma, olhar o futuro o sacode.

Em *A utopia*, Thomás More (2003, p. 121) define o termo que dá título ao seu livro como um “ideal irrealizável em sua plenitude [...] é toda proposta ideal de organização da sociedade em que, por meio de novas condições econômicas, políticas e sociais, se pretende alcançar um estado de satisfação geral.” O contexto do século XX, com o avanço de tecnologias impulsionadas pelas duas Guerras Mundiais, as consequentes crises advindas destas guerras e o aparecimento dos estados totalitários impulsionaram o surgimento das antiutopias ou distopias, as quais, segundo o autor, referem-se à elaboração de um futuro pessimista baseado na falta de esperança. Dentre seus precursores encontra-se George Orwell (1903-1950).¹

Este artigo representa o adensamento da leitura e discussões em relação à obra *1984* de George Orwell, ficção² que nos remete a um cenário futuro e distópico, uma exteriorização daquilo que esse escritor experimentou da infância à vida adulta, numa Índia colonizada e numa Europa marcada por duas Grandes Guerras Mundiais e seus reflexos.

Certamente, por meio da literatura ficcionista de *1984*, Orwell anunciou um futuro possível. Nele o autor alerta sobre a necessidade de pensar-se nas ações, individual e coletiva, planejadas no presente, na tentativa de distanciar a humanidade de um futuro doente, caótico e opressor.

2 REALIDADE E FICÇÃO: o mundo fora e dentro de *1984*

¹ A partir de 1927, decidido a viver na Europa como escritor, Eric Arthur Blair após passar por dificuldades financeiras adota o pseudônimo de George Orwell. Dentre suas obras destacamos: *Na Pior em Londres e Paris* (1933), *Dias na Birmânia* (1934), *A filha do Reverendo* (1936), *Mantenha o Sistema* (1936), *A Caminho de Wigan* (1937), *Homenagem à Catalunha* (1938), *Um Pouco de Ar, Por Favor!* (1939), *Dentro da Baleia* (1940), *O Leão e o Unicórnio* (1941), *A Revolução dos Bichos* (1945), *Ensaio crítico* (1946) e sua obra capital – *1984* (1949) – foco principal deste artigo.

² Segundo o Prof^o Dr. Juarez da Silva Thiesen (PPGE-UFSC): “A ficção cumpre um papel de antecipação de futuro.” (Depoimento colhido em sala de aula em 8 set. 2011).

O cenário distópico revelado em *1984* representa, através do olhar de George Orwell, o reflexo do que ocorria no mundo antes e depois do período em que foi escrito – entre 1930-1940. Deste modo, sendo o livro escrito em terras inglesas, faz-se necessário compreendê-lo enquanto resultado de um percurso histórico fortemente abalado e influenciado por momentos decisivos da história mundial como a Revolução Russa em 1917, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, a crise do Sistema Capitalista – representada pela quebra da Bolsa de *Wall Street* em 1929³ – e o surgimento dos regimes totalitários, principalmente o Fascismo de Benito Mussolini (1883-1945), na Itália, e o Nazismo de Adolf Hitler (1889-1945), na Alemanha.

A respeito das múltiplas repercussões da guerra, afirma Hobsbawm (1995, p. 51):

Temos como certo que a guerra moderna envolve todos os cidadãos e mobiliza a maioria; é travada com armamentos que exigem um desvio de toda economia para a sua produção, e são usados em quantidades inimagináveis; produz indizível destruição e domina e transforma absolutamente a vida dos países nela envolvidos.

Além do reflexo das guerras, os efeitos da crise do Capitalismo também foram catastróficos na Inglaterra. Esse período, denominado de a “Grande Depressão”, condenou o velho liberalismo e propiciou um quadro em que três opções competiam pela hegemonia intelectual e política: a) o comunismo marxista; b) o capitalismo privado de sua crença na otimização de livres mercados; e, c) o fascismo que a depressão transformou num movimento mundial, e, mais objetivamente num perigo mundial. (HOBSBAWM, 1995).

A expressão ideológica desses regimes é observada em *1984*. A visão da realidade expressa por Orwell nessa obra converge com a da filósofa política Hannah Arendt (1906-1975). Em *Origens do totalitarismo* (1989), a autora, que também vivenciou estes momentos, analisa os movimentos que propiciaram e sustentaram os regimes totalitários, sendo possível estabelecer relações entre a reflexão de Arendt e as descrições ficcionais de Orwell.

Arendt (1989, p. 398) revela que propaganda e terror materializam a ideologia totalitarista. No entanto, salienta que estes artifícios são utilizados com finalidades distintas: a propaganda é a ferramenta mais eficaz de instauração do totalitarismo em contextos não-

³ Com a Primeira Guerra as exportações de todos os países diminuíram. Nos Estados Unidos seus reflexos foram devastadores. Em 1929, com a desvalorização das ações na Bolsa de Valores de Nova York, em massa, muitas empresas apressaram-se em vendê-las o que provocou uma desvalorização ainda maior em poucos dias. Muitas delas quebraram e o desemprego chegou a atingir 30% dos trabalhadores daquele país. Em função das relações de comércio que os EUA mantinham com outros países, a crise atingiu todos os continentes, ficando conhecida como a Grande Depressão. Disponível em: <www.suapesquisa.com/pesquisa/crise_1929.htm>. Acesso em: 22 nov. 2011.

totalitários e o terror sustenta o regime, constituindo-se como essência dessa forma de Governo. Outra consideração da autora que se aproxima do regime totalitário exercido pelo *IngSoc*⁴, é quanto à caracterização do líder – o Grande Irmão (*Big Brother*), no caso de *1984*:

A principal qualificação de um líder de massas é a sua infinita infalibilidade; jamais pode admitir que errou. [...] Uma vez no poder, os líderes da massa cuidam de algo que está acima de quaisquer considerações utilitárias: fazer com que as suas predições se tornem verdadeiras.

Na prospecção de Orwell, a base da infalibilidade do Grande Irmão estava na mutabilidade do passado e na conservação da superioridade do Grande Irmão por meio da manipulação de seus discursos, de modo a torná-los sempre atuais. Com a mediação da propaganda, cultiva-se a imagem do líder como infalível e inquestionável.

Com base nas considerações de Arendt (1989) é possível fazer uma analogia entre a manutenção do líder em um regime totalitarista e a própria manutenção do Regime. Em ambos os casos utiliza-se do terror e da propaganda para esta manutenção. A propaganda, construída a partir de um conteúdo inabalável e incontestável, é responsável pela superioridade do líder dos regimes totalitários e do próprio Regime, como observado quando comparado com outros partidos e movimentos do período. A impossibilidade de questionamentos e a aceitação passiva, proporcionados pelo constante estado de terror, possibilitam a sobrevivência do regime totalitário bem como a posição inabalável de seu líder. Organizando a vida segundo uma ideologia, que se torna intocável e real, como as regras da aritmética, esse regime é capaz de manipular até mesmo a estabilidade destas regras, como nos demonstra Orwell, em *1984*.

3 1984: a obra

Inicialmente, *1984* seria intitulado *O último homem da Europa* (SEYMOUR-SMITH, 2002). No entanto, acabou-se optando por *1984*, marcando assim o caráter ficcional distópico e prospectivo da obra, já que, escrito em 1948 e publicado em 1949, o livro revela a prospecção de Orwell sobre um mundo futuro, quase 40 anos a frente.

O poder representa o núcleo da ficção e, para mantê-lo, uma minoria conserva o superestado, a Oceania, em guerra contínua e alternada com outros dois superestados inimigos: ora com a Eurásia, ora com a Lestásia. O poder do Estado é sustentado pela

⁴ Sigla de “Socialismo Inglês”, Partido totalitário do Governo da Oceania cujos lemas são: GUERRA É PAZ; LIBERDADE É ESCRAVIDÃO e IGNORÂNCIA É FORÇA. (ORWELL em *1984*).

doutrina filosófica do *IngSoc*, tendo como princípios o *duplipensar*, a mutabilidade do passado, a negação da realidade objetiva e o uso de palavras em *Novilíngua*.

A estrutura social hierarquizada tem no topo o Grande Irmão (GI) e abaixo dele, respectivamente, o Partido Interno (PI), o Partido Externo (PE) e os *Proles*. O GI é uma figura criada pelos integrantes do PI, a cúpula do Estado, que trata de manter os integrantes do PE ocupados e vigiados 24 horas por dia. O controle do Estado é exercido por: extensas horas de trabalho impostas aos integrantes do PE, *Dois Minutos de Ódio*⁵, *Semana do Ódio*⁶, *duplipensar*⁷, *Novilíngua*⁸, *teletela*⁹, patrulhamento da *Polícia do Pensamento*¹⁰, destruição de tudo que lembra o passado e manutenção de uma guerra interminável. A intenção era manter o indivíduo cativo não só na materialidade do corpo, mas também mentalmente. Segundo Orwell (1972, p. 29), “nada pertencia ao indivíduo, com exceção de alguns centímetros cúbicos dentro do crânio”. E era esse espaço que o *IngSoc* se esmerava em ocupar.

Por não representar perigo, a Classe Proletária estava liberta dessa vigília constante. Como poucos tinham *teletela* e como representavam 85% da população, diferentemente dos membros do PE, os *Proles* poderiam reunir-se com maior facilidade e parecia que deles poderia brotar uma Revolução. No entanto, faltava-lhes organização e acima de tudo, consciência de poder.

Winston Smith, personagem central de *1984*, membro do PE e admirava a “liberdade” dos *Proles*. Trabalhava no Departamento de Registro do Ministério da Verdade (*Miniver*), onde ajudava a manter a filosofia *IngSoc* alterando, de acordo com o presente, os fatos publicados no *Times* (jornal do Governo) e eliminando, dessa forma, o passado, tornando sempre verdadeiras as ações do Partido. O fato de achar-se dividido entre o GI e Goldstein¹¹, representava perigo para ele – devido à constante vigília da *Polícia do Pensamento* – e para o Sistema por ameaçar a doutrina do Partido. Mas resolveu escrever o que via e sentia.

⁵ Todos os dias as pessoas paravam suas atividades para, durante dois minutos, reunirem-se em frente a uma *teletela* onde era exibida a imagem de Emmanuel Goldstein - o inimigo do Povo.

⁶ Uma vez por mês a festividade ocorria em praça pública, onde os inimigos capturados em Guerra eram enforcados.

⁷ Capacidade do indivíduo de armazenar pensamentos polarizados na memória, utilizando-se devidamente deles de acordo com os mandamentos (transitórios) do *IngSoc*.

⁸ Língua criada pelo *IngSoc* com o intuito de reduzir e controlar o pensamento.

⁹ Placa metálica, embutida na parede, através da qual os indivíduos eram controlados dia e noite. Por ela, imagens e sons eram captados, como se fosse uma espécie de televisão invertida. O governo mantinha assim o povo “informado” com notícias que mais serviam para aliená-lo daquilo que de fato ocorria.

¹⁰ A partir do nascimento as pessoas passavam a ser observadas pela *Polícia do Pensamento*, independentemente de estarem, ou não, acordadas. Tudo era observado e registrado, das palavras às expressões faciais. (ORWELL, 1972).

¹¹ Inimigo *mor* do *IngSoc* criado pelo próprio *IngSoc*. Era usado para incitar o ódio da massa contra esse inimigo fortalecendo, ainda mais, o *IngSoc*.

Acreditava que isso faria com que no futuro aquele presente fosse conhecido (re)construindo o passado das novas gerações. Envolveu-se com Júlia, uma companheira de trabalho, e acreditando que O'Brien – integrante do PI – fosse um conspirador, confesso-lhe suas inquietações e “crimes” sem saber que este o vigiava há anos.

Smith foi capturado e condicionado a praticar o *duplipensamento*, sendo O'Brien seu 'inquisidor'. Mesmo torturado, internamente sentia-se livre, admitia odiar o GI e amar Júlia. O'Brien, percebendo que Winston ainda precisava ser 'curado', decide levá-lo a *Sala 101*: considerada a pior tortura a que o indivíduo podia ser submetido. Nela recebia-se castigo personalizado. No caso de Winston, a pior punição seria o contato com ratos, seu maior medo, da relação com mortes e vivências da infância. Ao ver duas enormes ratazanas prestes a devorar-lhe o rosto, Winston não resiste e implora para que coloquem Júlia em seu lugar. Agora, Winston é considerado 'curado': amava apenas o GI e, sob controle do *IngSoc*, conquistara a 'liberdade' por não resistir mais às determinações do Partido.

3.1 OCEANIA, EURÁSIA E LESTÁSIA: a geopolítica em 1984

Resultado de uma série de guerras, no futuro distópico de Orwell há apenas três superestados: Eurásia (correspondendo à antiga Rússia), Oceania (antigo Estados Unidos) e Lestásia (China e países do Sul da China, as Ilhas do Japão e uma área da Mandchúria, da Mongólia e Tibete). Estes vivem em guerra contínua travada pela conquista de mão de obra barata vinda de um local que concentrava mão de obra escrava (5% da população mundial). Além disso, existia uma alternância de vitória entre os três superestados – resultado de um acordo – o que lhes garantia equilíbrio permanente e poder interno.

Na Oceania, local onde a trama ficcional de Orwell acontece, o estado estruturava-se em quatro Ministérios, cujos nomes evidenciam o hiato entre o que explicitavam ser suas funções e ao que, na verdade, se dedicavam. Havia os Ministérios da Verdade (*Miniver*), que negava o passado (mentir); do Amor (*Miniamo*), que incentivava o desamor; da Fatura (*Minifarto*) que racionava comida; e da Paz (*Minipaz*), que promovia e mantinha a guerra. É com essa estrutura organizacional que indivíduo e coletivo são sitiados sociopoliticamente.

3.2 SITIAMENTO E CERCEAMENTO INDIVIDUAL E COLETIVO

No século XX, a sociedade tecnocrata passa a controlar o indivíduo buscando uma padronização de comportamento. Leis, Exércitos, polícia, burocracia, mercado, propaganda,

TV, regras e padrões sociais, etc, passam a fazer com que o homem se sinta acuado em seu próprio território e levado à alienação, temática que Orwell transporta para o universo de *1984*.

No ano de publicação da obra, 1949, era difícil crer que a tecnologia da *teletela*, fosse capaz de existir no futuro de um mundo real. Porém, passados mais de 50 anos, vivemos cercados por câmeras mantidas tanto pelo governo (segurança e controle) quanto por instituições privadas (comércio). Portanto, a ideia do monitoramento¹² da sociedade foi implantada com base num discurso de segurança do indivíduo e do coletivo.

Alvin Toffler¹³ em entrevista à Zacabi (2003, p. 14) dizia que “em um futuro próximo homens e mulheres precisarão se preocupar não apenas com o governo observando todos os passos, mas também com [...] as grandes corporações.” Elas capturarão imagens e conversas da população para fins de marketing e comercialização, de modo que, segundo Bauman (2007, p. 27):

Parece que quase não temos escolha senão buscar um indício de como se aprofundar cada vez mais no ‘interior’ de nós mesmos, aparentemente o nicho mais privado e protegido num mundo de experiências parecido com um bazar lotado e barulhento.

Em *1984*, para atingir o sitiamento e o cerceamento em todas as dimensões, fazia-se uso de vários instrumentos através da educação, do trabalho, da tecnologia, da ciência e da propaganda. Eles eram colocados em prática diuturnamente, via *teletela* – o *Arauto da Matraca*¹⁴ para garantir a obediência incondicional ao *IngSoc* e a estabilidade do Estado.

Considerando que uma sociedade é formada por uma realidade construída a partir da interação que os sujeitos estabelecem num processo dialético onde exteriorizam, objetivam e interiorizam conhecimento (BERGER; LUCKMANN, 2003), é interessante notar que o cerceamento e o sitiamento ocorre, antes de tudo, do aprisionamento das reais potencialidades mentais. Isso é observado nas obras *O Panóptico* de Jeremy Benthan, *Admirável Mundo Novo*

¹² É interessante observar que hoje as pessoas concordam que é preferível abrir mão da privacidade em favor da segurança. Os atentados são tantos que algo que, por muito tempo, foi considerado um direito do indivíduo, a privacidade, passa a ser sacrificada desde que as pessoas possam sentir-se mais seguras e protegidas, quando na verdade são controladas. Para aprofundar esta questão, consultar *Inevitável mundo novo. O fim da privacidade*, de Alexandre Freire (2006).

¹³ Especialista em estudos do futuro, antevendo e projetando realidades de médio e longo prazo. Autor dos *Best-sellers O choque do futuro* (1970) e *A terceira onda* (1980).

¹⁴ Uma maneira bastante eficaz para fazer as notícias chegarem ao povo, e até mesmo de manipulá-lo, conforme sugere-nos Machado de Assis (1996), no seu conto *O Alienista*. Atualmente há vários “araustos da matraca”; os políticos, por exemplo, convergem com essa ideia Machadiana, ao utilizarem-se dos meios de comunicação de massa para “fazer a cabeça”, ou confundir as pessoas/povo. A Rede Globo e seu gigantesco sistema de comunicação é a mais poderosa ‘matraca’ que temos no Brasil. Por ela, verdades podem tornar-se mentiras e vice e versa.

de Aldous Huxley e *1984* de George Orwell, onde a sociedade do futuro resume-se no excessivo controle individual e coletivo.

A partir dessas considerações, imagina-se o tamanho esforço exercido pelos indivíduos inseridos nos contextos dos três superestados de *1984*. Afinal, como expandir-se nesses “ambientes-prisão”? Além disso, segundo Del Nero (1997), a mente aprisionada pode adoecer e, como ela situa-se num corpo, é o indivíduo que adoece. Fazendo parte de um coletivo, e tendo sonegadas as condições para desenvolver-se harmoniosamente, o adoecimento geral torna-se inevitável.

3.3 O CONTROLE POR MEIO DA EDUCAÇÃO

Em *1984* a Educação desempenha papel fundamental para inculcar a aceitação acrítica do controle estabelecido pelo PI em favor da manutenção da filosofia *IngSoc*. Não há espaço para uma Educação pautada em princípios transformadores ou de construção de conhecimento, mas sim como forma de impor, sem entraves, uma verdade única: a do Partido.

O presentismo das informações era uma das estratégias adotadas no coletivo visando padronizar e estreitar o pensamento. Com Base em Orwell (2007, p. 200), tais estratégias anulariam qualquer possibilidade de “formação de um novo grupo de gente capaz” e a área educacional estava envolvida nestas questões, já que era “um problema de moldar continuamente a consciência tanto do grupo dirigente como do grupo executivo.” Ao utilizar estruturas como ‘treino mental’ e ‘moldar’, Orwell, parece recorrer aos princípios do comportamentalismo skinneriano enquanto teoria de aprendizagem. (SKINNER, 2003).

Na Oceania, o sucesso do ‘sistema educativo’ estava condicionado à anulação de qualquer indício de organização por parte da *Proles*, já que esta classe social era considerada desprovida de intelecto, aspecto que a mantinha na condição de eterna sobrevivência. Além disso, na Oceania as pessoas eram vistas como autômatos, sobre os quais se exercia o poder. Inexistia professores. Havia adestradores e vigilantes do pensamento. Na verdade, naquele contexto, poucos conseguiam pensar e escrever de maneira autônoma, fruto de anos de ‘adestramento’ mental, o qual minimizava ferozmente vestígios de expressão subjetiva.

O Estado produzia e divulgava as informações que julgava necessária à população por meio da *teletela*, do jornal *Times* e de poucos livros disponíveis¹⁵. Sequer a possibilidade de

¹⁵ Em *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, a Educação também cumpre a função de ‘transferir conhecimento específico’, o que é efetivado com base na repetição exaustiva veiculada pela tecnologia e que

reescrita era admitida pelos leitores, dada a necessidade e velocidade do apagamento do passado frente às conquistas do Partido.

No que se refere aos conteúdos escolares, tal como concebemos hoje, a escrita não era uma competência incentivada. Sua pouca prática parece justificar-se: a) a escrita representaria lentidão ao constante processo de atualização de notícias; b) ao escrever ativa-se o pensamento e este era o foco do controle exercido pelo *IngSoc*; c) deixar algo escrito significava disponibilizar provas contra o sistema; d) a escrita é um processo individual ao passo que o *IngSoc* defendia a coletividade; e, e) a falta de uma identidade linguística em função da coexistência da *Anticlíngua* e a *Novilíngua*.

Educação e livros não eram destinados aos *Proles*. De maneira análoga, se no Partido a produção escrita era escassa, na *Proles* a inexistência de um processo de escrita evidenciava-se. O proletariado era considerado um estrato inferior formado por uma maioria ignorante, conforme sinaliza Orwell (2007, p. 72) “que deviam ficar em sujeição, como animais.”

Quanto às áreas do conhecimento, Educação Física, Biologia, Psicologia, Física e Química ganhavam destaque na sociedade oceânica. A atividade física era concebida como um meio de ocupar a mente desde as primeiras horas da manhã e de preparar o corpo para o trabalho e para a guerra. As quatro últimas disciplinas interessavam na medida em que se relacionavam ao conhecimento científico para a detecção de delitos contra o Partido e ao apagamento de personalidades impróprias. Nessa sociedade-prisão, Orwell (1972, p. 182, grifo nosso) descreve o cientista como:

[...] uma mistura de *psicólogo e inquisidor*, estudando com extraordinária minúcia o significado das expressões faciais, dos gestos e tons de voz, e verificando os efeitos reveladores das drogas-da-verdade, terapia de choque, hipnose e tortura física; *ou é químico, físico ou biólogo* só interessado pelos ramos da sua profissão ligados à supressão da vida.

Observa-se por fim, que a Educação na Oceania estava totalmente imbricada às questões sócio-políticas e à anulação do pensamento autônomo. Jiménez (2011, p. 5, grifo nosso), ao escrever sobre *Walden II* de Skinner (1948) aponta algumas características desta obra que poderiam ser entendidas como sendo de *1984*:

Su [de Skinner] única novela, *Walden Dos* (1948), ha sido catalogada por muchos de sus críticos como la “utopía de la virtud condicionada”, en la que se *relega al*

visa a anulação da subjetividade (hipnopédia). Deste modo, pode-se afirmar que a Educação em *1984* apresenta contornos hipnopédicos.

hombre al nivel de un ser bruto e irreflexivo. Otras críticas consideran que en su novela se niegan los atributos centrales del hombre –libertad, autonomía, responsabilidad, racionalidad–, con lo que vacía a la vida moral de todo significado. Así, según el punto de vista, puede decirse que, en el mejor de los casos, los habitantes de Walden Dos son comprendidos como niños inocentes; en el peor, se les ve como zombis [tal como termina Winston].

Parece que a diretriz de uma sociedade fortemente impregnada pelo cerceamento e controle, quer gerida por regimes totalitários ou não, é de incutir nas pessoas aquilo que querem que elas façam, interiorizando nelas um não-desejo, uma não-ação, ou seja, nada para além do “previsto” ou do permitido pelo regime.

3.4 NOVILÍNGUA: redução do falar e do pensar

Afora o controle exercido sobre a linguagem escrita, uma das estratégias utilizadas pelo *IngSoc*, para o controle do pensamento, era a inserção gradual de uma nova língua, a *Novilíngua* ou *Novafala*. Segundo Orwell (2009, p. 349, grifo do autor), “a Novafala foi concebida não para ampliar, e sim *restringir* os limites do pensamento, e a redução a um mínimo do estoque de palavras disponíveis era uma maneira indireta de atingir esse propósito”. Deste modo, ela não só limitava o pensamento individual como também coletivo, devido ao empobrecimento das interlocuções ocasionado pelo reduzido número de palavras.

As palavras em *Novilíngua* dividiam-se em três categorias: *vocabulário A* (palavras utilizadas no dia-a-dia); *vocabulário B* (palavras criadas com propósitos políticos); e *vocabulário C* (termos técnicos e científicos). As estratégias utilizadas para a construção das palavras em *Novilíngua* consistiam na inserção de prefixos¹⁶ ou sufixos em palavras já existentes, tornando desnecessária a utilização de outras. Do mesmo modo, eram criadas palavras que remetiam diretamente aos interesses do *IngSoc*. Entre elas destaca-se o *duplipensamento*.

Em 1984, percebe-se que o controle do pensamento se inicia pela linguagem. Esta, podendo ser cerceada pela vigilância, constituía-se como ferramenta para o controle daquilo que é mais íntimo e autônomo no indivíduo: seu pensamento. Esta relação não é inata. Ela passa por um processo ao longo da vida do indivíduo, chegando a um estágio em que pensar e falar constitui-se como uma unidade dialética, vez que, segundo Vygotsky (1991, p. 4) “é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal”. Neste

¹⁶ Orwell (2007, p. 290, grifo do autor) diz que “*plusfrio* e *dupliplusfrio* significam “muito frio” e “frio na forma superlativa”, respectivamente”. Ocorrência análoga é percebida na língua espanhola com os prefixos ‘re’ e ‘requete’: ‘rebueno’ significa ‘muito bom’, enquanto ‘requetebueno’ se traduz como ‘ótimo, boníssimo’.

sentido, a palavra passa a ser considerada como signo verbal ideológico. Constituída com base nas relações sociais, adquire um caráter plurivalente, carregando consigo múltiplos significados historicamente construídos. (BAKHTIN, 2006). Assim, apesar de inserida em uma ficção distópica, constata-se que tal política linguística seria passível de obter sucesso pela intrínseca relação entre pensamento e linguagem.

A imposição de uma língua, como meio de dominação e controle, configura-se como uma prática que remonta ao percurso da história. Nos contextos de guerra, os exércitos vitoriosos invadiam os territórios conquistados impondo sua língua como meio de dominação, reforçando assim o poder de uma nação sobre outra. Na história do Brasil aconteceu algo semelhante: duas políticas linguísticas definiram, de certa forma, os rumos do país. A primeira, ocorrida em 1759 a partir do decreto de Marquês de Pombal (1699-1782), impôs o uso exclusivo da Língua Portuguesa falada em Portugal, proibindo assim a utilização da língua que era utilizada como meio de comunicação entre portugueses e indígenas¹⁷; já na Era Vargas¹⁸, período da história brasileira que mais se aproxima dos regimes totalitários, houve a proibição do uso de línguas ditas “estrangeiras” por comunidades de imigrantes, visando expurgar do território nacional aquelas línguas que ameaçariam a unidade do Estado.

Estes exemplos demonstram a utilização da língua como instrumento de submissão de um povo à cultura de outro. No caso da *Novilíngua*, a exclusão do inglês antigo, ou *Anticlíngua*, representava o desaparecimento de uma cultura e a impossibilidade do renascimento de qualquer outra, senão a do próprio Partido. Recriando seu sistema de referência seria capaz de tornar irreversível a hegemonia do Partido, anulando de vez o passado.

3.5 TRABALHO: uma necessidade

Na obra *1984*, o trabalho é concebido como trabalho escravo ou próximo a esta condição. Mão de obra aprisionada (PE e *Proles*) e mão de obra caçada (5% da população mundial naquele contexto) formava o contingente daqueles que produziam para o conjunto dos habitantes da Oceania.

¹⁷ No Brasil Colonial, havia o convívio de três línguas: a portuguesa, trazida pelo colonizador, a *língua geral*, que recobria as línguas indígenas faladas no território brasileiro e *o latim*, língua em que se baseava o ensino dos jesuítas. Tal miscelânea teve fim com o decreto do Marquês de Pombal em 1759. (SOARES, 2002).

¹⁸ Nome dado ao período em que Getúlio Vargas governou o Brasil. Enquanto permaneceu no poder, Vargas foi chefe de um governo provisório (1930-1934), presidente eleito pelo voto indireto (1934-1937) e ditador (1937-1945). O governo na Era Vargas adotou medidas controladoras, ditatoriais e paternalistas, mas também contou com aspectos modernos na industrialização do país. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiab/era-vargas.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

Em *O Panóptico*, de J. Bentham, para atender ao objetivo de reformar o indivíduo para a produtividade, eram usadas máquinas de punição para “corrigi-lo”. Em *1984*, Orwell descreve esta preocupação a partir de uma situação de controle absoluto sobre o homem. Quanto maior a punição aplicada ao indivíduo, mais puro ele se tornava, isto é, mais fiel ele seria à filosofia adotada.

Marx aponta que os pensamentos, os conceitos e as representações são considerados produtos da consciência. Assim, a consciência também é produzida pelas contradições da sociedade capitalista de produção e serve como mecanismo de dominação (MARX, 1974). Na Oceania, os membros do PE trabalhavam 72 horas semanais. Com a ideologia da Guerra, os *Proles* eram mantidos por longas horas de trabalho em atividades desnecessárias. O tempo dedicado ao trabalho descrito por Orwell nos remete às considerações de Manacorda (1996) que, baseado no “reino da necessidade” e no “reino de liberdade” de Karl Marx, afirma que durante o processo civilizador e independentemente dos modos de produção a que o homem civilizado vem interagindo, ele acaba se comportando como um selvagem que luta contra a natureza – a sua natureza interna, e a externa onde interfere – mantendo com ela um intercâmbio contínuo, por um reino de necessidade. Para Marx apud Manacorda (1996, p. 57) “o reino da liberdade apenas começa onde cessa o trabalho determinado pela necessidade ou pela finalidade externa; encontra-se, portanto, por sua natureza, para além da esfera da verdadeira e própria produção material.” Desse modo a excessiva jornada de trabalho no cenário futuro imaginado por Orwell em *1984*, aprisionando a possibilidade de tempo livre daquele que trabalha, converge com a filosofia do *IngSoc*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do pensar e do agir do personagem Winston Smith, percebe-se, em meio ao contexto distópico de *1984*, evidências de esperança no futuro. Consideramos, dessa forma, haver traços utópicos¹⁹, ainda que tênues, nesta obra de George Orwell. Isso leva-nos a reforçar a crença na capacidade humana, mesmo diante de uma realidade alienadora e sem perspectivas, como a vivenciada por Winston, de persistir na construção de dias melhores.

Ao retratar um cenário em que o estado de guerra é constante, Orwell antecipou uma questão que é realidade até hoje: vive-se em uma guerra constante em dois níveis. De um lado, a competição que, em menor ou maior grau, provoca disputas individuais e coletivas; e

¹⁹ Referimo-nos aqui à *Utopia* na perspectiva que lhe atribui Thomás Morus.

de outro, o uso de instrumentos variados para garantir a hegemonia de uma minoria, faz prevalecer o poder de poucos em prejuízo da autonomia do coletivo.

Devido à sua condição de clássico, *1984* continuará inquietando pessoas e instituições em diferentes contextos e países. A antevisão vem da necessidade de se pensar criticamente o cotidiano a fim de que a distopia não invada e tome conta da realidade. E quando todas as condições forem dadas para que todos possam viver segundo Marx apud Manacorda (1996) no “reino da necessidade” e no “reino da liberdade”, Rattner (2009, n.p.) nos questiona:

Após duzentos anos de história de lutas, revoluções e reações violentas, persiste a interrogação: a dystopia – o sistema caótico e injusto do mercado capitalista, poderá ser transformado no mundo de homens livres, solidários e cooperando para o bem estar de todos, com base nos direitos humanos que incluem a segurança social, o direito ao trabalho, à educação, a proteção contra o desemprego enfim, o direito de criar organizações autônomas e auto-gestionárias?

Para Seymour-Smith (2002, p. 628) *1984* reflete o pensamento de Orwell diante de tudo que era contrário, “mas pretendia ser um alerta, e não a afirmação, de um estado do futuro.” O fato é que Orwell plantou aquilo que Winston pretendia: deixar às futuras gerações as marcas que um governo pode causar à humanidade, contribuindo dessa forma para a garantia do tão sonhado bem estar social idealizado por utopistas como Thomás Morus e Francis Bacon.

O apelo de Orwell vem sendo (re)lido por pessoas das mais variadas áreas, mantendo atualizado o seu poder provocador, para não dizer, perturbador. A adaptação da *teletela*, ou a ideia da sua inversão, adotada nos programas de entretenimento que, ainda, se utilizam da expressão cunhada em *1984* – “Grande Irmão”, nos remete ao desvirtuamento da preocupação inicial de George Orwell.

No Brasil, o *Big Brother*, programa anual, que desde 2002, consiste em ‘espionar’ a vida de seus participantes na versão veiculada pela Rede Globo de Televisão, tem uma exposição deliberada. O fato é que o controle dos indivíduos, com base no sítar e no cercear, enfatizado por Orwell, metamorfoseou-se, alcançando as sociedades ditas capitalistas/democráticas. Com as novas Tecnologias da Informação e da Comunicação as pessoas foram convencidas a expor-se a qualquer preço. Os meios de comunicação de massa utilizam-se deste nicho para vender horas de exposição de um cotidiano construído cujo objetivo é o lucro, principalmente de grandes empresas de comunicação.

Enquanto no totalitarismo narrado em *1984* o aprisionamento das pessoas acontece por meio de um consumo restritivo, na atualidade e na predominância dos contextos

capitalistas/democráticos, o controle perpassa pelo convencimento de que existe liberdade de escolha, mas é ocultado o fato de que tal escolha é conduzida. Com forte cerceamento pela via do *marketing* e da propaganda os indivíduos continuam sendo aprisionados, dentro e fora da tela, uma vez que o “Gran Hermano es como un espejo... de un lado del vidrio hay inactividad, falta de inquietudes, de pensamiento... y del otro lado del vidrio: más o menos lo mismo...”²⁰.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ASSIS, Machado de. *O Alienista*. 26. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007
- BERGER, Gaston. Atitude prospectiva. *R. Parcerias estratégicas*. Brasília: CGEE, n. 19, dez. 2004. Disponível em: <www.cgee.org.br/arquivos/pe_19.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2011.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BONALUME NETO, Ricardo. *George Orwell*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DEL NERO, Henrique Schutzer. A mente sitiada: sucesso, exclusão e sobrevivência. In: _____. *O sítio da mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano*. São Paulo: Collegium Cognito, 1997. cap. 24, p. 396-408.
- HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JIMÉNEZ, Luis Felipe Jiménez. La educación en un mundo de marionetas: educación y control social en la utopía de B.F. Skinner. *B. Téc. Senac*, [Rio de Janeiro], v. 37, n. 2, maio/ago. 2011.
- MANACORDA, Mario Alighiero. *Marx e a pedagogia moderna*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

²⁰ Texto retirado da charge disponível em: <<http://www.guiapraticodeespanhol.com.br/2011/01/gran-hermano.html>>. Acesso em: 27 Nov. 2011.

MARX, Karl. Prefácio para a crítica da economia política. In: _____. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores).

MEDINA, Alessandra; MARTHE, Marcelo. A casa caiu: o mau gosto e a vulgaridade dos reality shows trazem audiência, mas o público não engole qualquer abuso. O caso de sexo no BBB da semana passada é prova disso. *R. Veja*, São Paulo: Abril, v. 45, n. 2253, p. 84-91, 25 jan. 2012.

MORE, Thomas. *A utopia*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. (Psicologia Social).

ORWELL, George. *1984*. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972. 277p. (Biblioteca do Espírito Moderno, Série 4, Literatura, v. 24).

_____. _____. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. _____. 29. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

_____. Porque eu escrevo (1947). Tradução Eva Paulino Bueno. *R. Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 29, out. 2003. ISSN 1519.6186. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/029/29orwell.htm>>. Acesso em: 23 set. 2011.

RATTNER, Henrique. Sobre utopias e dystopias. *R. Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 96, maio, 2009. ISSN 1519.6186. Edição Especial. 8 anos. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/096/96rattner.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

SEYMOUR-SMITH, Martin. 1984: George Orwell. In: _____. *Os 100 livros que mais influenciaram a humanidade: a história do pensamento dos tempos antigos à atualidade*. Rio de Janeiro: DIPEL, 2002, p. 627-632.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Ciência e comportamento humano*. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Walden II: uma sociedade do futuro*. São Paulo (SP): EPU, 1977.

SOARES, Magda. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

THIESEN, Juares da Silva. *O futuro da educação: contribuições da gestão do conhecimento*. Campinas/SP: Papirus, 2011.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZACABI, Rosana. O big brother: o autor de O choque do futuro diz que a tendência é sermos vigiados o tempo todo por câmeras digitais. *R. Veja*, São Paulo, n. 1824, 15 out. 2003. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/151003/entrevista.html>>. Acesso em: 24 set. 2011.